



Turismo em comunidades indígenas: levantamento de pesquisas realizadas nesse campo de estudos entre os anos de 1999 a 2019

*Tourism in indigenous communities: survey of research
carried out in this field of studies between 1999 to 2019*

Kemily Marques Silva Santos¹
Rúbia Elza Martins Sousa²

RESUMO: Essa pesquisa objetivou realizar o levantamento da produção de artigos científicos publicados em periódicos com a temática turismo em comunidades indígenas, entre os anos de 1999 e 2019. Para atender ao objetivo geral foram elaborados três objetivos específicos: identificar os procedimentos metodológicos utilizados nos estudos levantados; levantar na base de dados a quantidade de artigos desenvolvidos; levantar o ano em que os artigos foram publicados. Dessa forma, essa pesquisa se caracterizou como de carácter exploratório e como procedimento metodológico utilizou a pesquisa bibliográfica. Como fonte para o levantamento de dados, recorreu-se ao Scientific Electronic Library (SciELO) e ao Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Na busca dos artigos valeu-se das palavras-chave: etnoturismo, turismo ético, turismo indígena e ecoturismo indígena. Após a realização da busca de dados nas duas plataformas, obteve-se um total de 73 artigos. Foram

1 Bacharelado em Turismo pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: kemily.sm20@gmail.com

2 Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Licenciada em Geografia pela Universidade Paulista (UNIP). Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: rubiaelza@gmail.com

levantados os procedimentos metodológicos que os pesquisadores utilizaram, sendo possível observar que o trabalho de campo consta como a metodologia mais utilizada. Constatou-se ainda que dentre as quatro palavras-chave selecionadas para a realização da busca dos artigos, a mais utilizada foi turismo étnico. Por fim, verificou-se que nos anos de 2014, 2016 e 2017 houve a publicação de um número maior de artigos com a temática.

Palavras-chave: Turismo Indígena; Ecoturismo Indígena; Etnoturismo; Turismo Étnico.

ABSTRACT: This research aimed to do a survey on the production of scientific articles that were published in journals with the theme “tourism in indigenous communities” between 1999 and 2019. In order to meet the general objective, three specific objectives were developed, namely: identify the methodological procedures used in the surveyed studies; raise in the database the amount of articles developed from the perspective of the selected keywords; raise the year in which the articles were published. Thus, this research is characterized as exploratory in nature and bibliographic research was used as a methodological procedure. As a source for data collection, two databases were used: the Scientific Electronic Library (SciELO) and the Journal Portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education (CAPES). In the search for articles, the following combination of keywords was used: ethnotourism, ethnic tourism, indigenous tourism and indigenous ecotourism. After performing data research on both platforms, a total of 73 articles were obtained. The methodological procedures that the researchers used were surveyed, and it was possible to observe that fieldwork is the most used methodology. It was also found that among the four keywords selected to carry out the search for articles, the most used was ethnic tourism. Finally, it was found that in the years 2014, 2016 and 2017 there was the publication of a greater number of articles on the subject.

Keywords: Indigenous Tourism; Indigenous Ecotourism; Ethnotourism; Ethnic Tourism.

1 INTRODUÇÃO

A atividade turística está relacionada ao deslocamento do ser humano no espaço, deslocamento este que é determinado por conquistas sociais, econômicas e tecnológicas. Segundo Carmo (2006), o turismo se efetivou por meio da institucionalização do tempo livre, conquista da classe operária que ocorreu no contexto da Revolução Industrial e fez frente a exploração do capital, configurando-

se como um elemento importante para o desenvolvimento do ser humano (AQUINO, MARTINS, 2007).

O turismo se caracteriza como um fenômeno sensível e complexo, por envolver um conjunto de relações – culturais, ambientais, sociais e econômicas – e fatores estruturais – infraestrutura e superestrutura (BENI, 2006), que têm o ser humano como protagonista, sendo este considerado o epicentro da atividade.

Trigo (2010), ao discutir a viagem como uma experiência significativa para a vida humana, aponta que o viajar não se relaciona apenas ao deslocamento geográfico, mas vincula-se também a uma viagem interior. Para o autor, a viagem leva o ser humano ao autorreconhecimento, ao conhecimento das possibilidades e limitações, dos sonhos e desilusões, justificando, portanto, o fato de ser uma experiência essencial à vida das pessoas.

Dessa forma, em busca de novas experiências, não indígenas têm mostrado interesse em realizar visitas a comunidades indígenas, principalmente a partir da década de 1970 (FARIA, 2012). Tais vistas têm como principal objetivo conhecer e vivenciar a cultura materializada no território, bem como os elementos culturais imateriais, ligados, sobretudo, às crenças e à religiosidade das referidas comunidades.

O turismo se configura como uma atividade com potencial econômico e social e o seu desenvolvimento junto a comunidades indígenas, apesar dos impactos positivos, também é responsável por causar impactos negativos. Dentre estes, destaca-se: a mercantilização da cultura; a degradação ambiental; a inserção de drogas lícitas e ilícitas nas comunidades, entre outros.

Entretanto, o turismo também se apresenta como uma atividade capaz de gerar impactos positivos nas comunidades indígenas, na medida em que se configura como importante fonte de renda para estes povos, além de trazer como possibilidade a valorização cultural, visto que a cultura se configura como um dos principais atrativos dos segmentos ligados ao desenvolvimento do turismo junto à essas comunidades.

Desse modo, reconhecendo o potencial do turismo em promover impactos negativos e/ou positivos às comunidades indígenas, e, à visto disto, a importância de que pesquisadores investiguem como tal atividade vem se desenvolvendo junto à essas comunidades étnicas, este trabalho objetiva realizar o levantamento da produção de artigos que foram publicados em periódicos científicos com a temática turismo em comunidades indígenas, entre os anos de 1999 e 2019.

Para atender ao objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos: identificar os procedimentos metodológicos utilizados nos estudos levantados; levantar na base de dados a quantidade de artigos desenvolvidos na perspectiva das palavras-chave selecionadas; levantar o ano em que os artigos foram publicados.

Metodologicamente a pesquisa se caracteriza como exploratória e utilizou-se a pesquisa bibliográfica como procedimento para levantamento de informações (GIL, 2009). Os artigos científicos foram coletados nas seguintes bases de dados:

Scientific Electronic Library (SciELO) e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Essas bases de dados foram escolhidas por serem fontes que reúnem artigos científicos publicados em periódicos.

Para a realização das buscas junto às bases de dados, utilizou-se a combinação de quatro palavras-chave, sendo elas: etnoturismo, turismo étnico, turismo indígena e ecoturismo Indígena. Ressalta-se que como critério para a seleção dos trabalhos, as palavras-chave deveriam estar contidas no título e/ou nas palavras-chave dos artigos. Ademais, para a composição das análises, foram selecionados apenas os trabalhos desenvolvidos junto a comunidades indígenas sul-americanas.

Para a coleta dos dados foi utilizado um recorte temporal de 20 anos (1999 a 2019). Esse recorte se fundamenta no fato de que em 1999 foi publicada a tese de doutorado escrita por Rodrigo de Azeredo Grunewald, sendo este trabalho uma referência para a área de estudos que versa sobre o tema desta pesquisa, além de que, diante das pesquisas nas bases de dados supracitadas foi possível identificar que outros estudos, que também se configuram como referências, foram publicados no início dos anos 2000.

Para o ordenamento do percurso metodológico foram propostas as seguintes etapas: a primeira compreendeu a leitura e fichamento de textos (artigos, teses e dissertações) que tratam sobre a temática, com vistas a promover o embasamento teórico; na segunda etapa foi realizado o levantamento dos artigos junto às bases de dados previamente selecionadas, seguida pela sistematização das informações em planilhas do Excel; por fim, na terceira etapa, foi feita a descrição e análise dos resultados.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: em um primeiro momento foi realizada uma discussão sobre o desenvolvimento do turismo em comunidade indígena; posteriormente discutiu-se sobre os impactos oriundos do desenvolvimento da atividade turística junto a estes povos; no terceiro momento foram apresentados e discutidos os resultados obtidos; por fim, foram feitas as considerações finais.

2 O TURISMO EM COMUNIDADES INDÍGENAS

No contexto da Revolução Industrial, dada as condições de exploração, a nova classe trabalhadora passou a se reunir para debater e reivindicar melhores condições de trabalho. De forma paulatina e com duros embates, os trabalhadores lograram conquistas, dentre elas o direito a férias e ao tempo livre (PAULO, ALEXANDRINO, 2010), conquistas estas que reverberaram no crescimento do número de viagens.

Com a atividade turística em constante crescimento, surgiram várias segmentações com vistas a atender aos interesses e necessidades de demandas específicas, e é diante desse cenário que a atividade turística adentra as comunidades indígenas, sobretudo, a partir da década de 1970 (FARIA, 2012).

De acordo com Fortunato e Silva (2011), a partir do século XX, o turismo ganhou força devido ao desenvolvimento tecnológico e econômico. Diante deste contexto,

observou-se, nas últimas décadas desse século, o interesse e o contato dos turistas com comunidades indígenas, dado o potencial que a atividade turística teria para se desenvolver dentro das comunidades.–

O turismo em comunidades indígenas é um segmento que vem se desenvolvendo de forma ainda tímida, nesse sentido Leal (2007, p. 22), afirma que foi na “década de 1970 que se observou o início de novas compreensões sobre o tema, que visualizou o turismo como um veículo de reforço a etnicidade e revitalização cultural”.

De acordo com Leal (2007) na década de 1970 os povos indígenas passaram a obter conhecimento sobre o turismo, bem como sobre as implicações positivas e negativas dessa atividade. Atualmente, órgãos governamentais, pesquisadores, organizações não governamentais (ONG), têm atuado junto a muitas das etnias que vivem em território brasileiro, promovendo encontros de sensibilização e ofertando cursos de formação ligados ao turismo, de modo que diversas comunidades possuem mais informação sobre o assunto e, por conseguinte, uma visão mais aberta acerca da atividade turística.

Exemplificando a questão apontada acima, menciona-se a elaboração do Plano de Visitação proposto na região do Médio Solimões-AM, mobilizado por moradores da terra indígena Jaquiri, com o auxílio técnico do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (ROSA, ROSA e NASSAR, 2020).

Outra importante referência sobre a questão supracitada, foi abordada por Faria (2008), que tratou sobre o desenvolvimento do planejamento participativo para o desenvolvimento do ecoturismo indígena junto a comunidades que vivem na região do Alto Rio Negro, planejamento assessorado por representantes da FUNAI, IBAMA e das universidades locais (FARIA, 2008).

Uma das questões importantes no desenvolvimento do turismo em comunidades indígenas é a preocupação em conservar o patrimônio desses povos, seja ele cultural e/ou natural, de modo que ele sofra o menor impacto possível em decorrência da atividade turística. Assim sendo, é importante que essa atividade não se desenvolva de forma desordenada, mas sim que se expanda conforme o ritmo da própria comunidade em termos de confiança e preparo para ampliar os espaços relativos ao turismo e seu campo de atuação.

Desse modo, faz-se importante que ações de planejamento e organização sejam empreendidas para que o turismo se desenvolva de forma saudável e, portanto, menos nociva. Para Leal (2007), com o desenvolvimento do turismo baseado em ações prévias e devidamente adequadas de planejamento, “os povos tradicionais passam a ser vistos não só como esse outro a ser visitado e explorado, mas também como indivíduos atuantes no processo de planejamento sustentável do Turismo” (LEAL 2007, p.22).

As agências de viagens, ao elaborar os roteiros turísticos voltados às comunidades indígenas, devem primar pela valorização das expressões de seus modos de ser, de fazer e de saber, característicos da sua cultura, sendo que aos próprios indígenas

cabe o direito de ser protagonista deste processo, inclusive, tangenciando o que pode ou não ser apreciado e/ou utilizado enquanto produto turístico.

Entretanto, Hinch et al. (2007, p. 285) afirmam que:

É muitas vezes dito que a coisificação da cultura destrói o que ela representa e o seu significado. Como alternativa, pode se dizer que o meter num pacote turístico a cultura indígena não é necessariamente destrutivo em si mesmo.

Hinch *et al.* discutem que o desenvolvimento do turismo traz como possibilidade a promoção de maior visibilidade da cultura, favorecendo, deste modo, o fortalecimento dos valores culturais desses povos.

O turismo em comunidade indígena, entre outros motivos, é procurado por turistas que desejam vivenciar experiências diferentes, aprender sobre cultura, rituais, saber como eles vivem, como sobrevivem. Neste contexto, atualmente é possível observar que muitas etnias têm reforçado entre os indivíduos a necessidade de sentir apreço por aquilo que vestem, por aquilo que produzem, por onde moram, enfim, pelo que são, elementos relevantes para o fomento do turismo.

Em comunidades indígenas o segmento de ecoturismo vem ganhando espaço, sendo denominado de ecoturismo indígena. Segundo Faria (2008, p. 47), esse segmento se desenvolve dentro dos limites territoriais das áreas indígenas, por meio do “[...] planejamento/gestão participativa e comunitária, respeitando os valores sociais, culturais e ambientais dos diferentes povos envolvidos em que a comunidade é a principal beneficiada”.

Além do ecoturismo indígena proporcionar o contato com a cultura, uma especificidade desse segmento é o fato de que um atrativo que se mostra relevante é o meio ambiente natural³, por isso, ele precisa ser desenvolvido nos limites territoriais de uma comunidade indígena que contenha elementos naturais, sendo esse um motivo que o diferencia dos demais segmentos.

Outro segmento que vem ganhando espaço dentro das comunidades é o etnoturismo e, neste, o que atrai é a identidade, a cultura e a autenticidade de um povo. Faria (2005, p. 73) define tal segmento como “um tipo de turismo cultural que utiliza com atrativo a identidade, a cultura de um determinado grupo étnico (japoneses, alemães, ciganos, indígenas etc.)”.

De acordo com Neto e Toppino (2019, p. 84), o etnoturismo pode potencializar a proteção cultural e valores que as comunidades tradicionais possuem, sem degradar o ambiente natural e sem afetar o modo em que vivem, servindo como elemento potencializador do crescimento das comunidades.

3 O artigo trabalha com a ideia de meio ambiente natural de acordo com as premissas estipuladas pela Lei 6.938/81.

O turismo étnico se aproxima, em termos conceituais e da práxis, do etnoturismo, pois neste segmento o que atrai o turista é exatamente o modo como determinada comunidade vive, seus hábitos cotidianos, assim sendo, Faria (2005, p.73), afirma que o turismo étnico é “inspirado na diversidade étnica dos povos com suas identidades específicas”.

Escat (2018), afirma que este segmento de turismo desperta o interesse em turistas que desejam conhecer como comunidades étnicas vivem seu dia a dia, pois, nesse segmento estes aspectos se identificam com elementos ligados à língua, a religião entre outros.

O segmento de turismo indígena está relacionado ao desenvolvimento de atividades dentro ou fora dos territórios indígenas e os turistas, segundo Faria, “[...] conhecem de perto a vida, os costumes e a cultura de um determinado povo indígena” (FARIA, 2008, p. 44).

Esse segmento traz como preceito a conservação ambiental e sociocultural, bem como a gestão participativa, enquanto ferramenta de planejamento e organização da atividade turística, como afirma Jesus (2012, p. 78):

[...] segmento este que fomenta ações de base comunitária abarcando em sua essência a conservação e sustentabilidade sociocultural e ambiental, bem como a revitalização de modos de vida tradicional coesos com a realidade de vida atual, além da geração de renda para a própria comunidade envolvida.

Segundo Sudré *et al.* (2021), “O turismo cultural caracteriza-se como um macro segmento do turismo. Dada a riqueza cultural e étnica brasileira, dois segmentos que se destacam: o etnoturismo e o turismo indígena”. Adiciona-se a este grupo de segmentos ligados ao turismo cultural, o turismo étnico, pois este também se relaciona a processos que caracterizam aspectos culturais de um determinado grupo, a saber: crenças religiosas, modos de vida e demais aspectos correlatos a elementos que constituem determinadas identidades.

Os segmentos de turismo apresentados podem trazer impactos positivos às comunidades indígenas, porém é preciso ter cautela com essa atividade, pois, pode acarretar impactos negativos, questões essas que serão tratadas no próximo tópico.

2.1 TURISMO EM COMUNIDADES INDÍGENAS: IMPACTOS ASSOCIADOS À ATIVIDADE

Com o desenvolvimento da atividade turística em comunidades indígenas, alguns impactos começaram a surgir, os positivos e os negativos, devido às características do turismo, dentre elas, o intenso contato entre os envolvidos (comunidade receptora e turistas). No entanto, com o gerenciamento da atividade turística sendo desenvolvido pela própria comunidade, como mencionado no tópico anterior, é possível minimizar os impactos negativos e maximizar os positivos.

Uma das questões que remetem aos impactos negativos, está ligada ao estereótipo criado acerca dos povos indígenas, imagem que remete ao passado, de maneira que a autenticidade indígena, esperada/desejada pelos turistas, precisa estar em evidência para que consigam identificar que são “índios de verdade”.

Percebe-se, nesse contexto, que existe uma imposição (mesmo que silenciosa) no sentido de os indígenas serem obrigados a oferecer explicações quando do uso da tecnologia, *por exemplo*. Há que se salientar que este tipo de comportamento é equivocado, pois as transformações propostas pela sociedade da tecnologia alcançaram tanto a uns quanto a outros.

Dessa forma, Fortunato e Silva (2011), ao pesquisarem a comunidade indígena da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, localizada no estado do Amazonas, citam que alguns turistas, ao visitarem a comunidade perceberam que os indígenas utilizam equipamentos e objetos comumente usados por não indígenas, a exemplo da utilização de pregos e madeira na construção das casas, de modo que os autores mencionaram que alguns turistas fizeram a seguinte afirmação “isso aqui já é de branco”.

Durante o período da pesquisa de campo Fortunato e Silva (2011), apontam que diversos turistas comentavam frequentemente sobre o quanto os sujeitos que se apresentavam (os indígenas faziam apresentações culturais durante as visitas dos grupos de turistas) pertenciam efetivamente a comunidade em sentido *lato*, e esses comentários não estavam relacionado à sua etnia, mas ao seu modo de viver. Alguns ao perceber a presença dos pesquisadores questionavam-nos sobre as características do grupo, e o faziam demonstrando interesse e curiosidade.

Interessante observar que os turistas recorriam aos pesquisadores e não aos próprios indígenas, o que demonstra a latente relação de superioridade existente entre não indígenas e indígenas. Ademais, constata-se que a superioridade pode também estar vinculada ao nível de conhecimento técnico-formal, que, no caso relatado acima, coloca os pesquisadores em um patamar elevado em relação à comunidade local.

Compreendendo que uma das características da cultura é a sua dinamicidade, não deveria causar estranhamento o fato de existir comunidades indígenas que não vivem mais em casas feitas de palha, comumente conhecidas como ocas ou malocas, mas sim em casas de madeiras e, alguns casos, de alvenaria. Ressalta-se que o fato de ser usado esse tipo de material não os torna menos autênticos.

Neste contexto, Corbari, Bahl e Souza (2017a, p. 11), apresentam duas perspectivas quanto ao encontro dos turistas com os povos indígenas: “Por mais que, às vezes, decepciona os turistas por não encontrarem o “índio autêntico”⁴, outras vezes, é por meio do contato que os visitantes conhecem o modo de vida, a cultura e os problemas existentes nessas comunidades”.

4 Termo utilizado pelos autores Corbari, Bahl e Souza (2017).

Um impacto negativo preocupante é a aceleração da comercialização dos elementos culturais dessas comunidades. É visível que a vertente econômica do turismo se sobressai à questão cultural/social, pois, as pessoas (agentes ligados ao desenvolvimento do turismo, indígenas e/ou não indígenas), em muitos casos, buscam o lucro em primeiro lugar, mas as comunidades indígenas são frágeis, dado a situação econômica e ambiental em que muitas etnias se encontram, sendo necessário cautela ao utilizar a cultura como “produto” para o desenvolvimento do turismo.

O material bibliográfico analisado nesta pesquisa mostrou que o processo de mercantilização da cultura nas comunidades (encenação ou precificação da cultura) é um ponto preocupante. A mercantilização cultural pode estar envolvida com aquilo que for precificado dentro de uma comunidade indígena, seja artesanato, mão de obra, produção, terra, o saber-fazer, a comida e os rituais.

O termo “*touree*”, cunhado por Van den Berghe e Keyes em (1984), caracteriza essa discussão, pois remete ao nativo que “[...] se torna ator, uma espécie de espetáculo para atrair os turistas, uma encenação/performance, mudando seu comportamento muitas vezes para atender essa expectativa que os turistas esperam [...]”.

Lac (2007) vai ao encontro do que os autores supracitados tratam sobre o termo *touree*, pois menciona que este está relacionado a um ator que modifica o seu comportamento conforme o que acredita que será atrativo aos turistas. Neste contexto, as comunidades indígenas devem se atentar para essa questão, de modo a evitar tal descaracterização cultural, o que evidentemente impacta a estrutura interna do grupo. Como fazer isso diante do processo capitalista?

Em trabalhos como os de Faria (2008) e Grünewald (1999), fica claro que algumas etnias sentem receio em relação ao desenvolvimento do turismo, em função das transformações culturais que a atividade poderia causar e, neste contexto, faz-se relevante tratar do conceito de “aculturação”, cunhado por Ribeiro (1970), e que remete ao esfacelamento total de uma determinada cultura.

O conceito de “aculturação” mostra-se um tanto quanto frágil, na medida em que se reconhece que a cultura se modifica, pois, tem como característica marcante ser dinâmica. Assim sendo, compreende-se que os povos indígenas não tendem a abandonar seu modo de vida e sua identidade por completo em razão do desenvolvimento do turismo, o que ocorre são adequações e adaptações que, mesmo sem o avanço do turismo, poderiam/tenderiam a acontecer.

Há que se reconhecer que o turismo pode ocasionar a aceleração das transformações culturais nessas comunidades, o que se configura como prejudicial, no entanto, esta atividade não deve ser considerada a causa de todos os males. Ao invés de assumir que o turismo é o principal causador de impactos negativos nas comunidades indígenas, faz-se necessário submeter esses “impactos” a um exame empírico, por meio do qual se poderia compreender os aspectos culturais preservados, os que emergem com o turismo e os que foram ou estão sendo

destruídos por impactos advindos do desenvolvimento turístico e do contato entre visitantes e visitados (CORBARI, BAHL, SOUZA, 2017a, p. 9).

A atividade turística não é de fato totalmente responsável por todos os impactos negativos nas comunidades indígenas, pois, sabe-se também que as comunidades por si só, tem seus problemas internos, e como a atividade turística vem crescendo cada vez mais, além de ser algo novo para os indígenas, é necessário haver planejamento e gestão adequada.

Os impactos negativos se dão em qualquer localidade/comunidade em que a atividade turística se desenvolva de forma desordenada, sem o devido planejamento e gestão, não sendo especificidade do seu desenvolvimento em comunidades indígenas. Faz-se necessário considerar que, assim como o turismo gera efeitos negativos, também acarreta impactos positivos, tais como: geração de renda e empregos, visibilidade cultural, autonomia etc.

Para muitas comunidades indígenas que já se ocupam com o turismo, essa atividade é considerada uma possibilidade de melhorar as condições de vida, pelo fato de gerar renda complementar. O turismo traz como impacto positivo o fato de que as comunidades passam a se valorizar e, portanto, conservar sua cultura, além de promover a elevação da autoestima, em função desse processo de valorização.

Os segmentos de turismo ligados a comunidades indígenas se configuram como elo capaz de aproximar o indígena e o não indígena. Por meio desta atividade, há a possibilidade de romper ou, pelo menos, minimizar as barreiras do preconceito.

Para maximizar a possibilidade de geração de impactos positivos e minimizar os negativos, faz-se necessário que as próprias comunidades sejam protagonistas do desenvolvimento desta atividade, pois, têm conhecimento das dificuldades que enfrentam em suas comunidades, além do fato de que saberiam, com o auxílio de profissionais da área (melhor ainda se o profissional da área for indígena) impor os devidos limites, evitando invasão e o desenvolvimento desordenado.

3 RESULTADOS

O presente trabalho traz como discussão o turismo em comunidades indígenas, com o intuito de realizar o levantamento da produção de artigos científicos publicados com a temática “turismo em comunidades indígenas”, entre os anos de 1999 e 2019. Tal levantamento de dados, dentro do recorte temporal proposto, mostra-se relevante para apresentar o cenário das publicações sobre a temática, fornecendo embasamento teórico-metodológico para novas pesquisas.

Diante dos objetivos propostos para esta pesquisa e, utilizando as quatro palavras-chave mencionadas anteriormente, foram coletados 73 artigos, nas duas bases de dados, como é possível observar no detalhamento apresentado no quadro 1.

QUADRO 1 – NÚMERO DE ARTIGOS COLETADOS

Base de dados	Artigos
Portal de Periódicos da Capes	25
SciELO	48
Total – 73 artigos	

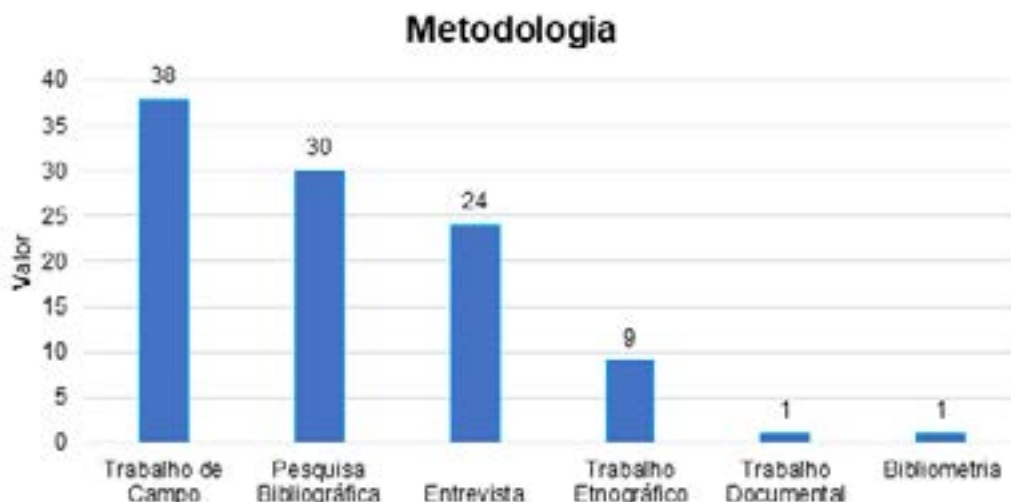
FONTE: Autoras da pesquisa, 2021.

Faz-se importante ressaltar que em alguns trabalhos coletados a metodologia não estava descrita de maneira explícita no resumo, na introdução ou em um tópico específico, estando apresentada de forma implícita ao longo do texto, de modo que se fez necessário fazer a leitura do artigo e, a partir da interpretação das questões postas, identificar os procedimentos metodológicos utilizados na construção do estudo.

Entende-se que a descrição detalhada dos procedimentos metodológicos utilizados na construção de um artigo científico é de suma importância, pois revela aos leitores as escolhas do autor para o levantamento de informações teóricas e empíricas e, por conseguinte, o percurso trilhado para atingir os objetivos do estudo.

Após o levantamento dos dados e, posteriormente, da identificação dos procedimentos metodológicos utilizados nos estudos, foi possível elaborar um gráfico para ilustrar os procedimentos metodológicos que vêm sendo utilizados nas pesquisas que tratam sobre o desenvolvimento do turismo em comunidades indígenas.

GRÁFICO 1: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DOS ARTIGOS



FONTE: Autoras da pesquisa, 2021.

Pode-se observar, conforme o gráfico acima, que um pouco mais da metade dos autores dos artigos (53,52%) utilizaram o trabalho de campo como suporte para o desenvolvimento dos estudos. A pesquisa bibliográfica também se configurou como um procedimento metodológico relevante no cenário pesquisado, sendo utilizado em 42,25% dos trabalhos coletados.

Ressalta-se que para a elaboração do gráfico foram inseridos todos os procedimentos metodológicos utilizados em cada artigo coletado, de modo que a maior parte dos artigos apresentaram mais de um procedimento, o que justifica os números dos gráficos serem superiores ao número de artigos coletados.

Diante dos dados apresentados, supõe-se que o trabalho de campo seja o procedimento metodológico mais utilizado, pois, trabalhar com questões que envolvam comunidades indígenas requer, na maior parte dos casos, que o pesquisador vá a campo em busca de estabelecer contato com essas comunidades, uma vez que tal contato permite que sejam realizadas observações *in loco*, além de possibilitar que as comunidades possam falar sobre sua realidade.

Segundo Fonseca (2002, p. 32), a pesquisa de campo “Caracteriza as investigações em que para além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se coletam dados junto de pessoas, utilizando diversos tipos de pesquisa (*ex-post-facto*, pesquisa ação, pesquisa participante, etc.)”. Nesse sentido é possível notar o quanto o trabalho de campo se faz necessário quando a pesquisa envolve participação de pessoas e questões ligadas a cultura, a história, ao modo de vida, e a memória, pois, possibilita obter informações e relatos do dia a dia, além de proporcionar ao pesquisador vivenciar momentos do cotidiano da comunidade pesquisada.

Atendendo ao segundo objetivo específico proposto para este estudo, buscou-se levantar, dentre as quatro palavras-chaves escolhidas, qual aparece com maior frequência nos artigos coletados, como pode ser observado no quadro abaixo.

QUADRO 2 – NÚMERO DE OCORRÊNCIA DAS PALAVRAS-CHAVE

Palavra-chave	Número de ocorrências
Etnoturismo	4
Turismo étnico	18
Turismo indígena	14
Ecoturismo indígena	0
Nenhuma das palavras-chave	37
Artigo sem palavra-chave	1

FONTE: Autoras da pesquisa, 2021.

Identificou-se que a palavra-chave turismo étnico se destaca dentre as outras, aparecendo em 18 artigos. Tal destaque se deve ao fato de que este segmento não está vinculado apenas a comunidades indígenas, pois segundo o Ministério do Turismo (2010, p. 20), o turismo étnico “Constitui-se de atividades envolvendo a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos”. Desse modo, tal segmento abarca não apenas comunidades indígenas, mas também aquelas representativas dos processos migratórios europeus, asiáticos, africanos, bem como outros grupos que conservam seu legado étnico.

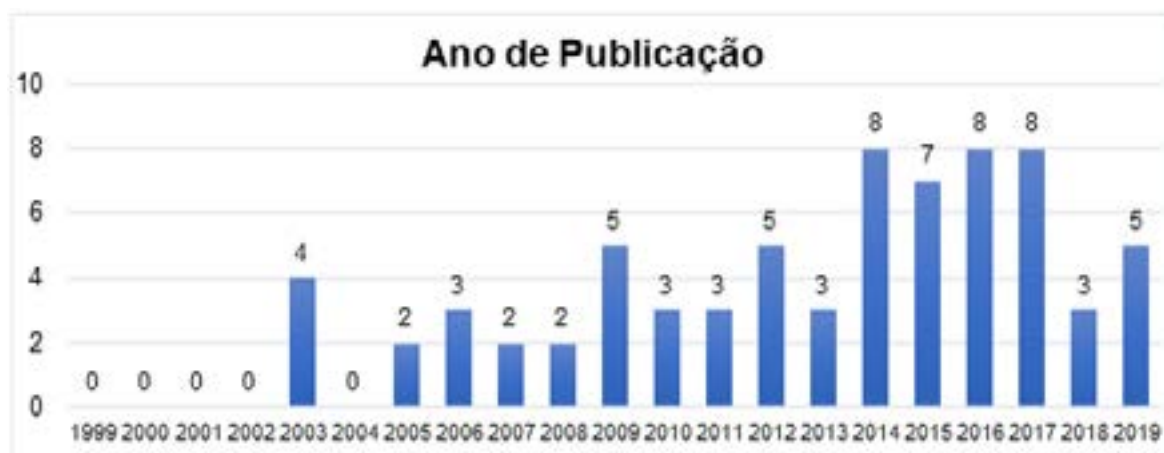
Ao analisar os dados coletados, foram identificadas duas questões particulares: verificou-se que um dos artigos não apresentava palavras-chave, entretanto, ao investigar o site do periódico (SHS Web of Conferences), constatou-se que não é solicitado aos autores que estas seja inseridas no trabalho; em um dos artigos coletados nos Periódicos da Capes, observou-se que foram utilizadas duas das palavras-chave selecionadas para o desenvolvimento do trabalho em tela (turismo étnico e turismo indígena), o que explica o número de palavras-chaves ser maior que o universo total dos artigos coletados.

Outra questão que merece destaque é o fato de que um número considerável de artigos não utilizou nenhuma das palavras-chave nem como parte do título, nem como palavra-chave do trabalho, no entanto, apareceram nas buscas realizadas com os quatro termos selecionadas para a coleta dos dados. Quanto a esta situação o que chamou atenção foi que dos 37 artigos, 35 foram coletados na plataforma SciELO, enquanto que apenas dois no Portal de Periódicos das Capes.

No processo de coleta de dados, utilizando as palavras-chave selecionadas, observou-se ainda que apareceram artigos em que o turismo não figurava como o tema central, sendo apenas mencionado no trabalho. Essa questão merece destaque, pois, parte-se do pressuposto de que as palavras-chave revelam as questões centrais tratadas no trabalho, no entanto, não foi o que se observou em 12 dos artigos coletados.

Com vistas a responder ao terceiro objetivo específico proposto para o estudo em tela, foi feito o levantamento dos anos em que os artigos foram publicados e os dados encontrados estão apresentados no gráfico abaixo.

GRÁFICO 2: ANO DE PUBLICAÇÃO DOS ARTIGOS COLETADOS



FONTE: Autoras da pesquisa, 2021.

De acordo com os dados apresentados no gráfico acima é possível perceber que nos anos de 2014, 2016 e 2017 houve um número maior de publicação de trabalhos sobre o turismo em comunidades indígenas.

Em 1999 foi publicada a tese defendida por Rodrigo Grünewald, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalho esse considerado um marco para os estudos do desenvolvimento do turismo em comunidades indígenas. O trabalho desse pesquisador se configura como uma referência para as pesquisas desenvolvidas posteriormente.

Em sua tese, Grünewald aborda o desenvolvimento do turismo junto à etnia Pataxó, localizada na Bahia, apresentando a relação direta da atividade turística com a economia regional, de modo a destacar que o turismo se configura para a comunidade indígena como principal fonte de renda, por meio da venda de artesanato.

No ano de 2003, o autor publica um artigo intitulado “Turismo e etnicidade” e neste trabalho trata de questões relacionadas a troca cultural que existe entre o visitante e os receptores, bem como dos impactos advindos do turismo. Em 2006 este artigo de Grünewald é publicado na mesma revista (*Horizontes Antropológicos*), mas em inglês. Ressalta-se que as pesquisas realizadas por este pesquisador, muito embora estejam intimamente ligadas ao turismo, foram desenvolvidas no âmbito da antropologia, asseverando o viés multi/interdisciplinar do turismo.

No contexto brasileiro, faz-se relevante mencionar também as autoras Ivani Faria e Flavia Lac como pesquisadoras referências da temática, sendo seus estudos publicados na primeira década dos anos 2000. Ivani Faria em sua pesquisa publicada em 2008, discorre sobre o ecoturismo indígena desenvolvido no estado do Amazonas. Em seus trabalhos, a autora reforça a importância de a própria comunidade ser a

responsável pela gestão e participar de todo o processo de planejamento da atividade turística, imbricando nesta discussão o conceito e preceitos do etnodesenvolvimento.

Flavia Lac (2005, 2006, 2007, 2010) em suas pesquisas junto à etnia Kaingang (estado do Rio Grande do Sul), discute questões ligadas à hospitalidade e aos impactos causados à comunidade. Lac, assim como Grünewald, também advém da antropologia, no entanto, esta autora tem artigos publicados em periódicos de turismo, bem como em eventos da área.

Desta maneira, observa-se que a primeira metade da década dos anos 2000 se configura como um momento em que começam a despontar os estudos que abordam o desenvolvimento da atividade turística em comunidades indígenas. Esses anos foram essenciais para a preparação do campo para as futuras publicações que se intensificariam na segunda década dos anos 2000.

No cenário temporal da segunda década dos anos 2000, uma questão que merece destaque é a publicação, em 2015, da Instrução Normativa nº 3, “estabelecendo normas e diretrizes relativas às atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas”. Segundo Corbari, Bahl e Souza (2017b, p. 55) “Ainda que fosse confirmada pelos instrumentos legais a necessidade de dar autonomia aos povos indígenas, o turismo não era regulamentado até junho de 2015, quando entrou em vigor a Instrução Normativa 3/2015, da FUNAI”.

Desta forma, muito embora já houvessem iniciativas de desenvolvimento do turismo em comunidades indígenas, somente em 2015 a atividade foi legalizada pelos órgãos oficiais. Esse marco legal se configura como importante referência para os estudos que vêm sendo realizados com essa temática.

Após a coleta de dados, notou-se que em relação a áreas/temáticas já consolidadas no turismo, existe um número reduzido de publicações quando se trata de comunidades indígenas. Verifica-se que a temática se mostra de interesse de pesquisadores há pelo menos duas décadas, no entanto, não avançou ascendentemente em termos de quantitativo de publicações, visto que, nos últimos dois anos do recorte temporal definido, houve uma redução no número de publicações, em relação aos anos anteriores.

Ressalta-se que no ano de 2021 a Revista Turismo e Sociedade, da Universidade Federal do Paraná, publicou um dossiê temático, o qual recebeu o título “Turismo, povos indígenas e comunidades tradicionais”, organizado por Sandra Dalila Corbari, pesquisadora que também se dedica ao estudo da temática, com trabalhos publicados na área. Muito embora essa edição deste periódico não faça parte do recorte temporal delineado para este estudo, faz-se importante mencioná-la, pois esse dossiê se configura como de relevância para o cenário que esta pesquisa desvela.

Além dos dados mencionados acima também foram identificadas as revistas que publicaram sobre o tema “turismo em comunidades indígenas”. Dessa forma, observou-se que 95,77% dos periódicos são internacionais e 4,22% nacionais. Ademais, identificou-se que a maior parte dessas revistas são interdisciplinares, de

modo que nove delas são da área do turismo e publicaram um total de 15 artigos, como é possível verificar os detalhamentos no quadro abaixo.

QUADRO 3 – REVISTAS DE TURISMO COM PUBLICAÇÕES SOBRE TURISMO EM COMUNIDADES INDÍGENAS (1999-2019)

Revistas	Quantitativo de artigos
Revista Turismo em Análise	1
Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo	2
Caderno Virtual de Turismo	1
Turismo & Sociedade	1
PASOS - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural	3
Cuadernos de Turismo	1
Revista Investigaciones Turísticas	1
Applied Tourism	1
Estudios y Perspectivas en Turismo	4

FONTE: Autoras da pesquisa, 2021.

Ressalta-se a importância e a necessidade de pesquisadores demarcarem território em revistas brasileiras de turismo, pois podem elevar discussões sobre o tema desse trabalho. Nota-se que áreas interdisciplinares são importantes para ajudar a compor um estudo, sobretudo o turismo, por ser uma área do saber que se aporta em outras ciências para compor seu arcabouço teórico. Porém, mostra-se premente que os estudos que enfoquem o turismo em comunidade indígena, se fortaleçam do seio do campo de saber do turismo.

Com isso, surge algumas questões: os pesquisadores que trabalham com a temática submetem artigos para avaliação em periódicos de turismo? Se sim, por que não são aceitos? Outra questão que se apresenta: os pesquisadores preferem submeter os artigos às revistas que tenham maior abertura quanto às discussões que se aportam em fundamentos teóricos de áreas como a antropologia, sociologia, geografia? Tais questionamentos abrem janelas para novas investigações.

Deste modo, diante dos dados coletados, bem como das questões ora discutidas, é possível afirmar que há um campo fértil de trabalho para aqueles que se interessam em estudar a atividade turística em comunidades indígenas. Esse campo de estudos necessita alicerçar-se no âmbito do turismo, fortalecendo-se e, por conseguinte, ganhando espaço e visibilidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou realizar o levantamento de artigos científicos com temática no turismo em comunidades indígenas, levando em consideração um recorte temporal de vinte anos (1999 a 2019).

Deste modo, visando atender ao primeiro objetivo específico desta pesquisa, realizou-se o levantamento dos procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento dos estudos que culminaram na publicação dos artigos coletados, de maneira que se verificou que 53,52% dos autores utilizaram o procedimento de pesquisa de campo.

Desse modo, supõe-se que esse seja o procedimento metodológico mais utilizado, pois pesquisas ligadas às questões culturais, históricas e sociais, exigem que o pesquisador vá a campo e estabeleça contato com a comunidade pesquisada.

O segundo objetivo proposto para este estudo foi levantar na base de dados a quantidade de artigos desenvolvidos na perspectiva das palavras-chave selecionadas (etnoturismo, turismo étnico, turismo indígena, e ecoturismo indígena). Desta forma, diante do levantamento realizado, identificou-se que a palavra chave “turismo étnico” se destaca dentre as demais, aparecendo em 17 artigos.

No processo de coleta e análise dos dados foram levantados os anos em que os artigos foram publicados e, após a organização dos resultados, foi possível observar que nos anos de 2014, 2016 e 2017 observou-se um crescimento no número de artigos publicados com a temática. Diante disso, faz-se importante ponderar que no final da década de 1990 e início dos anos 2000, pesquisadores que hoje se destacam no cenário nacional (Rodrigo Grunewald, Ivani Faria, Flávia Lac) estavam desenvolvendo suas pesquisas, de modo que esse foi um período relevante para os estudos com essa temática.

Ademais, um fato relevante e que pode estar relacionado ao período de publicação do maior número de artigos, sobretudo nos anos 2016 e 2017, que é a publicação da Instrução Normativa nº 3 (2015) que estabelece normativas para as atividades de visitação com fins turísticos em terras indígenas.

Outra constatação importante foi que 95,77% das revistas que publicaram sobre o tema dessa pesquisa são internacionais e são periódicos com o viés interdisciplinar. Com isso, observa-se a necessidade de que os pesquisadores da área do turismo, que estudam a temática, demarquem espaço nos periódicos do turismo e nos periódicos nacionais, de modo a dar robustez as discussões e reflexões que vem sendo feitas.

Portanto, após todas as discussões e reflexões realizadas, percebe-se o quanto a temática desse trabalho é relevante, pois, compilou informações e dados para pesquisas futuras. Desse modo, considera-se que a temática desta pesquisa precisa ganhar visibilidade e notoriedade no âmbito dos estudos ligados ao turismo, afim de se fortalecer nesta área, uma vez que há um campo fértil para estudos e reflexões.

REFERÊNCIAS

AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. de O. Ócio e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 7, n. 2, p. 479-500, 2007.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo cultural: orientações básicas**. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CARMO, E. S. do. O espaço do fenômeno turismo no contexto atual: In: RUSCHMANN, D.; SOLHA, K. T. **Planejamento turístico**. Barueri: Manole, 2006.

CORBARI, S. D. **O turismo envolvendo comunidades indígenas em teses e dissertações: retrato das relações e dos impactos socioculturais**. 183 f. Dissertação (Mestrado em Turismo). Universidade Federal do Paraná, 2015.

CORBARI, S. D., BAHL, M.; SOUZA, S. do R. de. Impactos (turísticos ou não) nas comunidades indígenas brasileiras. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 10, n. 3, p. 1-25, 2017a.

CORBARI, S. D.; BAHL, M.; SOUZA, S. do R. de. Legislação Indigenista e Perspectivas para o Turismo em Terras Indígenas no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, v. 28, n. 1, p. 53-70, 2017b.

ESCAT, E. B. Viajeros étnicos, gestos exóticos y encuentros esporádicos: los tours mayasen en los Altos de Chiapas. **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**. vol.73, n. 2, p. 493-524, 2018.

FARIA, I. F. de. Ecoturismo: etnodesenvolvimento e inclusão social no Amazonas. **Revista Pasos de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 3, n. 1, p. 63-77, 2005.

FARIA, I. F. de. **Ecoturismo Indígena Território, Sustentabilidade, Multiculturalismo: princípios para a autonomia**. 204 f. Tese (Doutorado em Geografia Física). Universidade de São Paulo, 2008.

Faria, I. F. **Ecoturismo indígena: território, sustentabilidade e multiculturalismo**. São Paulo: Annablume, 2012.

FONSECA, J. J. S. da. **Metodologia da pesquisa científica**. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Comunidades Virtuais de Aprendizagem – Informática Educativa). Universidade Estadual do Ceará, 2002.

FORTUNATO, R. A.; SILVA, L. S. Os significados do turismo comunitário indígena

sob a perspectiva do desenvolvimento local: o caso da reserva de desenvolvimento sustentável do Tupé (AM). **Revista de cultura e turismo**, n. 02, p. 86-100, 2011.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Instrução Normativa 03/2015 de 11 de junho de 2015. Referenciado de: <http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cgetno/pdf/IN%2003.2015.pdf>. Acesso em: 10 de mar. de 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GRÜNEWALD, R. A. **Os Índios do Descobrimento: Tradição e Turismo**. 362 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

GRÜNEWALD, R. A. Turismo e etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, p. 141-160, 2003.

GRÜNEWALD, R. A. Tourism e ethnicity. **Horizontes Antropológicos**, v. 1, nº especial, 2006.

HINCH, T.; LEW, A.; HALL, M.; WILLIAMS, A. Os indígenas e o turismo. In: LEW, A. A.; HALL, C. M.; WILLIAMS, A. M. **Compêndio de turismo**. Instituto Piaget: Lisboa, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9677&t=resultados>. Acesso em: 11 set. de 2021.

JESUS, D. L. N. de. Turismo Indígena como alternativa de valorização cultural. **Revista Brasileira de Ecoturismo**. São Paulo, v.7, n.2, p.223-239, 2012.

LAC, F. **O Turismo e os Kaingang na Terra Indígena de Iraí/RS**. 163 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Paraná, 2005.

LAC, F. O encontro dos Kaingang de Iraí e turistas: construções simbólicas e práticas. Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, 4, 2006, Caxias do Sul. **Anais: Turismo: responsabilidade social e ambiental**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2006.

LAC, F. Rescate cultural y turismo. Los Kaingang de Iraí (Brasil) como Tourees. **Estudios y perspectivas em Turismo**, v.16, n. 1, p. 26-44, 2007.

LAC, F. Hospitalidade e turismo entre os Kaingang. Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 7, 2010. **Anais: Seminário ANPTUR: Anhebi Morumbi**, 2010.

LEAL, R.E. da S. O turismo desenvolvido em territórios indígenas sob o ponto de vista

antropológico. Caderno Virtual de Turismo. vol. 7, núm. 3, p. 17-25, 2007.

NETO, R. C. de S. M.; TOPPINO, M. A. Etnoturismo como meio de promoção do desenvolvimento sustentável e valorização da cultura dos povos tradicionais da Amazônia brasileira. **Revista de Direito Ambiental e Socioambientalismo**, v. 5, n. 1, p. 72-86, 2019.

PAULO, V.; ALEXANDRINO, M. **Manual do Direito do Trabalho**. 14 ed. Forense: São Paulo, 2010.

RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo: Editora Global, 1970.

ROSA, P. C.; ROSA, L. M. V.; NASSAR, P. M. Turismo indígenas, protagonismo e desenvolvimento local: experiência da Terra Indígena Jaquiri, Médio Solimões, AM. **Revista Turismo em Análise**, v. 31, n. 2, p. 381-399, 2020.

SUDRÉ, S. G. S.; CALDEIRA, R.; GARCIA, R. A. Q.; SIARES, T. D.; SOUSA, P. L. K de. Etnoturismo indígena Karajá-Xambioá. **Turismo e Sociedade**, v. 14, n. 3, p. 83-101. 2021.

TRIGO, L. G. G. A viagem como experiência significativa. In: PANOSSO NETO, A.; GAETA, C. (Orgs.). **Turismo de experiência**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2010.

VAN D. B. P.; KEYES, C. F. Introduction: tourism and re-created ethnicity. **Annals of Tourism Research**, 11, p. 43-352, 1984. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0160738384900264>>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

TS

